

HISTÓRIA DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES

José Luis Sanfelice et al.

Apresenta-se, aqui, parte das atividades desenvolvidas no transcorrer do Seminário II, denominado "A Instituição Escolar no Brasil", oferecido aos mestrandos durante o I semestre de 2002. São registradas preocupações voltadas para com o encaminhamento do Programa de Mestrado em Educação da Uniso, no seu novo Projeto Acadêmico-Científico, bem como preocupações para com os contornos que deverão ter a disciplina "História de Instituições Escolares". Acrescentou-se ao Relatório parte da produção realizada pelos mestrandos, como resenhas críticas, fichas bibliográficas e bibliografia, já privilegiando e buscando subsidiar a disciplina "História de Instituições Escolares".

Palavras-Chave: Instituição escolar. Política escolar. Prática escolar. Trabalho escolar. Educação brasileira – História.

HISTÓRIA DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES: APONTAMENTOS PRELIMINARES

*José Luis Sanfelice*¹⁰

Introdução

O PROJETO Acadêmico-Científico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE-Uniso), conforme sua última propositura junto à CAPES, estrutura-se sob a orientação indicativa para que se constitua em *Centro Produtor de Pesquisa em Educação*, conforme a orientação da política de pós-graduação nos dias de hoje.

Após reflexões e avaliações sucessivas de docentes e discentes, o PPGE-Uniso definiu-se por se consolidar a partir do tema *Instituição Escolar: Políticas e Práticas Escolares*, incorporando duas linhas de pesquisa: Construção de Conhecimento nas Relações Escolares e Trabalho, Política e Práticas Escolares. Sugere-se que, com esta delimitação, desenvolvam-se pesquisas que “tomem por referência manifestações culturais e sociais que, de alguma forma, tenham influenciado ou possam vir a influenciar ou determinar a constituição da cultura escolar” (Projeto, 2001). Assim, a investigação sobre a Escola toma-a como Instituição Cultural e instituição da modernidade brasileira, “na qual encontramos marcas da nossa história” (idem).

Para efeito deste texto e, sem nenhuma ressalva quanto à linha de pesquisa “Construção de Conhecimento nas Relações Escolares”, destaco que a linha “Trabalho, Política e Práticas Escolares”, “referencia parcela substancial de seu esforço na pesquisa, análise e sistematização de fontes documentais contributivas da história da educação

¹⁰ Professor Livre Docente do DEFHE/FE/UNICAMP e pesquisador do HISTEDBR. Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

com prioridade para Sorocaba e região. Examina os processos formativos específicos da instituição escolar. Tem por objetivo a investigação e o estudo, de natureza empírica e teórica, dos sistemas e das políticas educacionais em todos os seus níveis, bem como sua relação com as práticas sociais na instituição escolar, por meio dos processos da produção política da sociedade, de poder, de disciplinamento e da fundamentação valorativa dessas práticas derivadas das transformações no âmbito do trabalho. Esses sistemas e políticas, compreendidos como parte do universo das relações entre Estado e sociedade, são analisados em sua relação como processos de ruptura/continuidade do capitalismo contemporâneo e na inexistência de identidade entre a contemporaneidade e a simultaneidade das relações sociais, incorporando as mediações entre a História e as Ciências Sociais" (idem).

Como as diretrizes postas para o percurso formativo dos alunos da PPGE-Uniso estabelecem que sejam cursadas disciplinas obrigatórias básicas, disciplinas obrigatórias instrumentais e disciplinas eletivas, estas últimas devem estar articuladas às linhas de pesquisa e às investigações em andamento. Dentre as disciplinas eletivas elencadas e, novamente cabe dizer sem nenhum demérito para com todas as demais, desejo ressaltar aquela que se denominou "História de Instituições Escolares" e cuja previsão de oferta, pela primeira vez, é anunciada para o segundo semestre de 2002.

Por ora, a ementa da disciplina "História de Instituições Escolares" propõe que ela se dedique ao estudo da historiografia que tem por objeto de análise as instituições escolares brasileiras, utilizando-se do método histórico-crítico, a ser explicitado na introdução da própria disciplina. Pressupõe que as referidas instituições foram em tempos passados, ou são hoje, totalidades em construção, em organização e portadoras de identidade dentro de um contexto social mais amplo. Busca explicitar os projetos pedagógicos, reveladores de projetos educativos, destinados a determinados públicos. Os projetos educativos, por sua vez, são entendidos como processos que envolvem dimensões pedagógicas, sociológicas, administrativas, culturais, profissionais, relações de poder e de comunicação, relações de transmissão e apropriação do saber (Projeto, 2001). Enfim, é uma disciplina prioritariamente, mas não de forma exclusiva, destinada aos pós-graduandos cujos projetos estiverem sendo desenvolvidos na linha de pesquisa Trabalho, Política e Práticas Escolares, menos em função do nome que a linha recebe e muito mais por aquilo que a define, como já mencionado acima¹¹.

Primeiras aproximações

A composição curricular do PPGE-Uniso anterior ao atual Projeto Acadêmico-Científico não previa no rol de suas disciplinas a "História de Instituições Escolares", mas oferecia, em forma de Seminário I e Seminário II, intitulados "A Instituição Escolar no Brasil", a oportunidade de se abordar o tema, tratando das visões teórico-metodológicas que referenciam o campo investigado voltado para a Instituição Escolar, objetivando explicitar e problematizar fundamentos, concepções e procedimentos. Os se-

¹¹ O leitor interessado em consultar o Projeto Acadêmico-Científico do PPGE-Uniso poderá fazê-lo junto à Coordenação do Programa. São dois volumes que totalizam 223 páginas, editados pela própria Universidade em 2001 e cujo título é: Projeto. Mestrado em Educação.

minários eram seqüenciais e concebidos como uma única continuidade. Em decorrência da nova formatação curricular do PPGE-Uniso, os Seminários, sendo extintos a partir de então, foram apresentados, pela última vez, no segundo semestre de 2001 – Seminário I, e primeiro semestre de 2002 – Seminário II¹².

O Seminário II ocorreu, portanto, em um momento em que se dava a passagem do PPGE-Uniso para seu novo Projeto Acadêmico-Científico, tendo em vista responder responsabilmente pelo cumprimento do currículo em que alunos de anos anteriores haviam se matriculado, ao mesmo tempo em que os ingressantes de 2002 passavam a cursar o currículo novo.

Pela oportunidade, mas já visando constituir uma passagem para o campo investigativo de uma nova disciplina, "História de Instituições Escolares", discutiu-se junto ao colegiado do curso uma proposta de se trabalhar o Seminário II, de modo o mais aproximado possível do Projeto Acadêmico-Científico em implantação, sem que isto significasse um rompimento epistemológico em relação à maneira como os Seminários estavam concebidos e desde que os alunos matriculados naquele semestre concordassem também. Ambas as instâncias mostraram-se receptivas para que este procedimento fosse ensaiado, como de fato veio a ocorrer.

Matricularam-se em Seminário II doze alunos pós-graduandos e todos eles vieram a concluir, de forma muito exemplar, todas as atividades acordadas¹³.

Um coletivo de pesquisa

As ponderações anteriores, com os esclarecimentos que se fizeram necessários, foram basicamente os mesmos apresentados aos alunos na inauguração do Seminário II no 1º semestre de 2002, ocasião em que se concluiu também a proposta de trabalho.

A idéia que se buscava materializar, de modo a não descuidar da sempre necessária fundamentação teórica individual e coletiva, implicaria ainda a tentativa de se construir uma contribuição prévia à disciplina a ser posteriormente inaugurada, "História de Instituições Escolares", bem como um possível aporte à linha de pesquisa e ao próprio PPGE-Uniso, com sua nova face¹⁴.

A proposta consensualmente acordada para o Seminário II, passou, então, a ter, em síntese, os seguintes componentes:

¹² Os programas destes Seminários encontram-se disponibilizados junto à Secretaria do PPGE-Uniso.

¹³ Os pós-graduandos matriculados em Seminário II: A Instituição Escolar no Brasil, foram: Antônio Jorge Funes, Beatriz Elaine P. Magagna, Daniela Renna M. Spinelli, Elaine Marasca G. da Costa, Enoch da Silva, Fábio L. Milagres, Julio C. Gonçalves, Lúcio R. B. Martini, Marilda M. Furukawa, Regina de F. Meira, Sheila K. Bovo e Zeneide G. Milan. Nomear estes pós-graduandos tornou-se imperativo, quer pelas ações que serão descritas e apresentadas a seguir, bem como pela responsabilidade coletiva assumida para com cada uma e pela totalidade destas mesmas ações. Inclusive este texto, só vem a público com a anuência de todos e após sua análise.

¹⁴ O Projeto Acadêmico-Científico do PPGE-Uniso, já mencionado, esclarece em que sentido a nova versão é uma continuidade-descontinuidade das versões anteriores, mas não é possível tratar dessa questão no âmbito deste limitado texto.

a) Empenhar-se na continuidade da formação teórica na área temática, com o estudo criterioso dos seguintes textos: Alves (1980, 2001); Sguissardi (2001); Júlia (2001).

Recomendou-se, de forma a complementar as leituras básicas, também a abordagem das obras: Favero, org. (2001); Nogueira (1999); Neves, org. (2000) e Silva (2002).

Os debates sobre estes textos acabaram por acontecer em encontros alternados com as demais atividades desenvolvidas.

b) Tomar por tarefa coletiva a busca sistemática de obras que pudessem ser úteis à disciplina "História de Instituições Escolares", bem como à linha de pesquisa "Trabalho, Política e Práticas Escolares", a partir de um levantamento doméstico das bibliotecas pessoais e/ou familiares, até que o grupo avaliasse o esgotamento dessa fonte. Na seqüência, o âmbito da procura deveria ir ampliando-se para horizontes mais amplos.

O propósito dessa atividade, além do próprio levantamento bibliográfico, foi o de fazer circular em sala de aula todas as obras identificadas, de maneira que pudessem ser selecionadas para constituir uma "Referência Bibliográfica" à "História de Instituições Escolares". Em nenhum momento colocou-se a preocupação quanto à quantidade do material, porque interessava que os participantes do seminário entrassem em contato com cada texto apresentado por qualquer um deles e opinasse sobre sua escolha ou não.

c) Tomar por tarefa individual duas outras atividades assim estabelecidas: 1. proceder semanalmente à escolha de uma obra selecionada como "Referência Bibliográfica" e elaborar sua "Ficha Bibliográfica"; 2. definir-se quanto a uma obra, também do rol das "Referências Bibliográficas", de publicação recente, e construir uma "Resenha Crítica" sobre a mesma. As "Fichas Bibliográficas" produzidas e as "Resenhas Críticas" deveriam ser todas socializadas para a leitura, correções e sugestões de todos os participantes do Seminário II. É preciso lembrar que ao tomar essas decisões, os mestrandos foram remetidos a algumas recomendações cujo teor sintetizo:

A documentação temática visa coletar elementos relevantes para o estudo em geral ou para a realização de um trabalho em particular, sempre dentro de determinada área. Na documentação temática, esses elementos são determinados em função da própria estrutura do conteúdo da área estudada ou do trabalho em realização...

É por isso que a documentação temática se completa pela documentação bibliográfica: as fichas de documentação bibliográfica organizam-se de acordo com um critério de natureza temática...

O fichário de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemáticamente feito, proporciona ao estudante rica informação para seus estudos...

As resenhas têm papel importante na vida científica de qualquer estudante e dos especialistas, pois é através delas que se toma conhecimento prévio do conteúdo e do valor de um livro que acaba de ser publicado, fundando-se nesta informação a decisão de se ler o livro ou não, seja para o estudo seja para um trabalho em particular...

Uma resenha pode ser puramente informativa, quando apenas expõe o conteúdo do texto; é crítica quando se manifesta sobre o valor e o alcance do texto analisado; é crítico-informativa quando expõe o conteúdo e tece comentários sobre o texto analisado (Severino, 2000).

No conjunto, estas atividades, além dos objetivos imediatos do próprio Seminário II, visavam três componentes complementares: uma “Referência Bibliográfica” específica, um rol de “Fichas Bibliográficas” e “Resenhas Críticas”, que poderiam vir a se constituir como conteúdo de um Banco de Dados a ser alimentado permanentemente, como um projeto também permanente da “História de Instituições Escolares” e no âmbito da linha de pesquisa.

A idéia de se construir um Banco de Dados e não simplesmente importar dados já disponíveis teve, além do caráter formativo dos mestrados, uma relação direta com a constituição do PPGE-Uniso e sua própria identidade. Isto não significa ignorar a necessidade de se relacionar o trabalho com a produção acadêmica nacional e/ou internacional, mas, ao contrário, conhecer o quanto este Programa, beneficiando-se desse diálogo, também contribui, com sua singularidade, para que ele se enriqueça.

Além disso, um Banco de Dados permanente poderá ser alimentado por todos os docentes da mesma Linha de Pesquisa e pelos alunos sob sua orientação, sempre que se considerar oportuno, com a criação de novos aportes além dos já mencionados. No limite, todos os participantes do Programa, docentes e alunos, poderão fazer o mesmo.

d) Finalmente, os participantes do Seminário II, imbuídos do desafio de serem os iniciadores da caminhada em direção aos objetivos acima expressos, comprometeram-se com a divulgação dos resultados obtidos, da seguinte maneira: 1. disponibilizar a produção coletiva e integral, em forma impressa, à biblioteca da Instituição; 2. encaminhar à Revista *Quaestio* material para publicação; 3. inscreverem-se individual e coletivamente para a apresentação de trabalhos no 5º Encontro de Pesquisadores e de Iniciação Científica – EPIC da Uniso e, 4. fazer circular via Internet o conjunto da produção.

Algumas considerações

A realização das ações estabelecidas acima no transcorrer do Seminário II, com seus encontros semanais, acabou por acontecer de forma bastante interativa e espontânea entre os seus participantes. As discussões teóricas, sobre as quais farei novas referências mais à frente, intercaladas pelos momentos em que se degustava a troca das obras encontradas, produziram momentos de ótimas descobertas e de colaboração mútua. Foi gratificante poder observar o modo pelo qual o conhecimento trazido por cada pós-graduando se mostrou útil aos demais participantes tendo em vista os pré-projetos ou projetos de dissertação dos quais são autores. Não menos relevante foi o espírito de colaboração que se instalou no grupo uma vez que a leitura, a correção e as interações que se pôde fazer a partir do contato com as fichas e/ou resenhas de cada um.

Embora academicamente as técnicas para a elaboração de fichas bibliográficas e para a execução de resenhas de obras possam ser consideradas relativamente triviais, na prática o grupo revelou-se em muitas situações bastante inseguro quanto à execução das mesmas uma vez que alguns jamais as haviam vivenciado, enquanto para outros o desafio que ocorria pela primeira vez era o de tornar público o resultado dos trabalhos. Estas incertezas foram gradativamente sendo superadas, com o ganho também da

visão que se passou a ter da responsabilidade e das implicações acadêmicas, decorrentes da prática de se publicar a própria produção intelectual. Prática, aliás, absolutamente necessária.

Baseados também nas experiências individuais e consideradas solitárias no que diz respeito à forma pela qual cada pós-graduando ingressou no programa e nem sempre podendo visualizar as suas características intrínsecas, levantou-se a hipótese de que um Banco de Dados, como o que está sendo proposto, poderia vir a ser uma referência indicativa para os futuros candidatos, uma vez que eventualmente poderiam, através dele, ter alguns parâmetros quanto à opção, quer em relação ao próprio programa ou às suas linhas de pesquisa. Além disso, pela possibilidade que o Banco de Dados viabiliza quanto ao acesso à produção de uma área temática, poder-se-ia facilitar sobremaneira a atualização do quadro do estado-da-arte. Não se justifica hoje que a produção da área de conhecimento não esteja, com todos os recursos tecnológicos existentes, imediatamente disponibilizada a quem quer nela fazer seu percurso de formação e produção acadêmica. Não é viável que cada pesquisador ou pós-graduando tenha que individualmente iniciar o seu percurso a partir dos tempos pré-históricos da pesquisa. Isto é um desperdício de esforços individuais, sociais e de recursos, bem como o motivo causador de vários equívocos, pois, desconhecendo-se o estado-da-arte, imagina-se estar propondo projetos, pesquisas e resultados originais, quando, na verdade, já foram bastante contemplados por investigações anteriores.

Por estas considerações, é necessário vislumbrar que um Banco de Dados, caso venha a se tornar relevante para a área temática, esteja disponível para o livre acesso e que tenha também uma versão futura em CD-rom, objetivo este que pode vir a ser incorporado na continuidade deste trabalho.

E a História de Instituições Escolares?

Bem, a nova disciplina introduzida no PPGE-Uniso, graças ao Seminário II, objeto das ponderações anteriores, poderá em parte ser articulada levando em consideração a produção que lá foi obtida. Digo em parte porque a disciplina não está sendo inventada pelo Programa e nem poderá ter uma dimensão exclusiva dada pelo Seminário II, embora beneficie-se de imediato dele¹⁵. Poderá ser, neste sentido, um particular com identidade própria, mas com capacidade para relacionar-se com o universal de maneira a não ensimesmar-se. Esta, sem dúvida, será a sua questão epistemológica e metodológica de fundo e que no seu transcorrer precisará estar se explicitando.

Por outro lado, é preciso ter presente, como o fez o pesquisador luso, Magalhães (1999), que a investigação sobre as Instituições Educativas, e para nós não há dúvidas de que a Instituição Escolar e uma Instituição Educativa, pode implicar desde um estudo dos seus espaços físicos e da própria arquitetura dos edifícios, bem como na abordagem das suas grandes áreas de organização, ou seja, a pedagógico-didática e a de direção/gestão. Mas não é só, porque estas instituições têm também uma estrutura social, ou

¹⁵ A História de Instituições Escolares, como disciplina, ela mesma tem sua história bem como sua historiografia. Oportunamente, será necessário tematizar essas abordagens.

melhor sócio-cultural, que, submetida a uma hermenêutica, pode se constituir na “via fundamental para a construção da identidade histórica das instituições educativas” (idem). Ali deverá se revelar ainda o papel dos seus diferentes atores, para que se possa interpretar o itinerário histórico da instituição, à luz do seu próprio modelo educacional.

A história de uma instituição educativa constrói-se a partir de uma investigação coerente e sob um grau de complexificação crescente, pelo que, à triangulação entre os históricos anteriores, à memória e ao arquivo, se haverá de contrapor uma representação sintética, orgânica e funcional da instituição – o seu modelo pedagógico. São múltiplas as virtualidades deste esforço de síntese, desta construção orgânica, compreensiva e explicativa, que permite reavaliar a análise historiográfica anterior, incluindo o seu sentido hermenêutico, e preparar, de forma estruturada, a síntese final – a história da instituição educativa (idem).

Tendo em vista as questões teóricas surgidas no transcorrer do Seminário II, acredito que algumas delas, com certeza, deverão ser objeto do conteúdo da disciplina “História de Instituições Escolares”.

É preciso ter presente que as possíveis Histórias de Instituições Escolares vão estar sempre no âmbito da “História da Educação”,

uma área do conhecimento que toma como objeto a educação, a partir de uma abordagem historiográfica, com base em conceitos e conceptualizações de natureza pedagógica/educacional: antropológicos, filosóficos, didáticos, sociológicos, psicológicos, axiológicos, organizacionais, historiográficos. A educação é o objeto epistêmico, o objeto a conhecer e a construir no plano histórico – um objeto complexo, multidimensional, polissêmico: educação/ instituição; educação/ação; educação/conteúdo, educação/produto. Esta polissemia do conceito, se não for levada em consideração, dificulta o desenvolvimento de uma investigação consequente e aprofundada; torna enredosas a heurística e a hermenêutica, nos planos da informação e do discurso, torna a narrativa anacrônica e de difícil entendimento (idem).

Não vou me ater aqui, às questões cruciais a respeito das fontes para a “História de Instituições Escolares” e conseqüentemente para a História da Educação, embora este seja um capítulo fundamental para a disciplina, e que incomodou os participantes do Seminário II. O que é ou o que não é fonte? Como tratar as fontes? Como creditar as fontes?

É mais oportuno neste momento aproximar-me das reflexões do acadêmico italiano Ragazzini (1999) que afirma nada ser menos histórico do que considerar História da Educação uma locução simples e clara, como se a idéia de educação hoje pudesse ser vista também no passado “sem uma consciência apropriada das implicações”. Além de existir vários passados, nada garante que o que chamamos educação hoje seja identificado pelo mesmo nome “naqueles tempos”.

Há uma outra inquietação com a qual a disciplina em pauta, a linha de pesquisa e a própria área temática se defrontarão: no conjunto, trata-se de uma subespecificação, de uma subordinação ao campo de investigação dos estudos histórico-educativos e/ou da “História da Educação” ou, pelo contrário, a “História de Instituições Escolares” (disciplina), a linha de pesquisa “Trabalho, Política e Práticas Escolares” e a área “Instituição Escolar: Políticas e Práticas Escolares” se alinham todas ao mesmo plano no campo dos estudos educativos?

Para a disciplina parece haver alguma luz: "A história da escola (...) se configuraria como campo de estudos referidos aos lugares formais de educação com uma consideração especial exatamente para a escola" (idem). Mas esta luz também logo esmaece. O que se considerará instituição escolar? A pré-escola, veja-se bem, pré-escola, é uma instituição escolar ou uma instituição educativa? Uma Universidade pública, um coletivo de instituições escolares é, ela mesma uma instituição escolar? Um navio-escola também o é?

Qual é exatamente o recorte que se deve fazer sob a nomenclatura de "Instituição Escolar?".

Novamente há uma outra luz para a disciplina: a "História de Instituições Escolares" não é a "História da Educação", no sentido largo que engloba o estudo dos processos histórico-educativos e também não é a "História da Pedagogia". Mas como e onde separar estes componentes? Novamente a luz se esvai.

Percebe-se pelas questões surgidas no transcórre do Seminário II que haverá um tensionamento em se buscar o equilíbrio entre o que é o mínimo defínivel consensualmente e o máximo que a linha de pesquisa poderá comportar para não se descaracterizar como tal. Nada que deva preocupar, uma vez que não estamos trabalhando com ciências exatas e nem mesmo com uma concepção de ciência disciplinar isolada e autônoma.

O Projeto do PPGE-Uniso (op. cit), por exemplo, é indicativo quando afirma:

Ao eleger Instituição Escolar: Políticas e Práticas Escolares como área de concentração, este Programa concentra a conjugação de seus interesses nas questões implicadas na articulação da Educação com a História e as Ciências Sociais. Em outras palavras, é reconhecendo a historicidade do fenômeno educativo e de sua institucionalização que se busca apreender os nexos processuais de formação, implantação, normalização, gestão, organização, conflitos e contradições da instituição escolar na sociedade brasileira.

A disciplina História de Instituições Escolares, por sua vez, com alguns recortes, talvez para o que efetivamente abarcará por Instituições Escolares, poderá alavancar a configuração do que já foi anunciado para a Linha de Pesquisa, ou seja, dedicar parcela substancial de seu esforço à pesquisa, análise e sistematização de fontes documentais¹⁶ e, eu acrescentaria, bibliográficas da história da educação, com prioridade para Sorocaba e região, mas nunca perdendo sua relação com o universal.

Na seqüência, serão apresentados alguns resultados do trabalho desenvolvido em Seminário II, com o devido crédito e responsabilidade dos seus respectivos autores, mestrandos que cumprem assim parte dos objetivos acordados.

A idéia, em nenhum momento, foi a de fornecer um modelo para o que quer que seja. A única preocupação que sempre esteve presente relacionou-se a uma determinação de buscar maturidade num Programa jovem e onde, cada vez mais, deverá caracterizar-se a configuração de projetos individuais e coletivos exequíveis, consolidadores de uma sólida ambiência da pesquisa.

¹⁶ Por fontes documentais quero acreditar que se esteja expressando aqui algo mais do que simplesmente o documento escrito.

Finalizando: agradeço a colaboração de todos os mestrandos que cursaram o Seminário II e, que com a sua dedicação, seriedade e disponibilidade, viabilizaram em conjunto esta primeira proposta para a disciplina História de Instituições Escolares, quiçá, uma semente de uma futura árvore frondosa. Obrigado.

Sorocaba, junho de 2002.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. L. Nasce uma nova instituição educacional. **Intermeio**. Revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, v. 4, n. 8, p. 7-18, 1988.
- ALVES, G. L. **A produção da escola pública contemporânea**. Campo Grande: UFMS; Campinas: Autores Associados, 2001.
- FÁVERO, O. (org.). **A educação nas constituintes brasileiras: 1823-1988**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1. Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- MAGALHÃES, J. P. Breve apontamento para a História das Instituições Educativas. In: SANFELICE, J. L. et al. (orgs.). **História da Educação. Perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas: HISTEDBR; Autores Associados, 1999. p. 67-72.
- NEVES, L. M. W. (org.). **Educação e política no limiar do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- NOGUEIRA, F. M. G. **Ajuda externa para a educação brasileira**. Da USAID ao Banco Mundial. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999.
- RAGAZZINI, D. Os estudos Histórico-Educativos e a História da Educação. In: SANFELICE, J. L. et al. (orgs.). **História da Educação. Perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas: HISTEDBR; Autores Associados, 1999. p. 19-35.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SGUISSARDI, V. Do jeito que o Banco Mundial gosta. **Caros Amigos**, São Paulo, Ed. Especial n. 9, p. 8-9, 2001.
- SILVA, M. A. Intervenção e consentimento. A política educacional do Banco Mundial. Campinas: Autores Associados; FAPESP, 2002.
- UNIVERSIDADE DE SOROCABA. **Projeto: Mestrado em Educação**. Sorocaba: UNISO – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2001.